A EDUCAÇÃO 3.0: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

DAIANE SANTOS MENEZES LUCAS

Resumo:

Sabe-se que para garantir a qualidade educacional, é necessário trabalhar com linguagens que contemplem o público bem como a demanda da sociedade. Neste sentido, com a era tecnológica existem inúmeros recursos que facilitam o desenvolvimento do aluno, necessitando alinhá-la aos objetivos escolares, para que não sejam marcados pela defasagem nas abordagens pedagógicas. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo compreender a organização do trabalho docente frente às novas demandas da educação 3.0. Trata-se de uma pesquisa reduz as crianças e adolescentes, é bibliográfica, onde os resultados do estudo evidenciam que nestes novos tempos, em que a tecnologia toma conta de nossas vidas e traz consigo o mundo virtual e preciso reavaliar o papel da escola e nossas estratégias de ensino, apresentando este modelo com mais recursos e possibilidades, contudo, é preciso reavaliar constantemente o papel do professor, a sua formação, bem como os impactos positivos e negativos dessa nova era de informação. Concluiu-se que é preciso investir em recursos, formação adequada do profissional para conduzir adequadamente, respaldo profissional, bem como equilíbrio dos inúmeros acessos e informações disponíveis para que o aluno desempenhe a sua capacidade de absorver e construir conhecimento por meio dos estímulos, mas que esses não sejam exagerados a ponto de causarem desconexão com outras vertentes importantes para o desenvolvimento humano, seja o contato com a natureza, a socialização, a manipulação de materiais simples, o tempo do ócio, entre outros.

Palavras-chave: educação 3.0. Educação contemporânea. Processo de ensino aprendizagem. Tecnologias educacionais.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a educação possui papel essencial no desenvolvimento humano e encontra-se em constante modificação para atender as necessidades da demanda. Se por muito tempo o ensino foi pautado em métodos tradicionais, onde o professor assumia a postura centralizadora e o aluno mero receptor de conteúdo, atualmente há a necessidade de fornecer subsídios para que este seja mais ativo e construa o seu próprio conhecimento.

Dessa forma, a proposta da pesquisa justifica-se mediante a necessidade de compreender as novas demandas educacionais, bem como os desafios da educação 3.0. Neste contexto, entende-se que a geração atual está inserida em ambientes dotados de tecnologias e desde cedo usufrui de aparatos como celulares, tabletes e computadores, fazendo com que o processo de escolarização tradicional se torne desinteressante frente a tantos outros recursos atrativos. Além disso, destaca-se também a parcela de alunos dos cursos de graduação e pós que optam pelos ambientes virtuais, e em ambas as vertentes pode-se verificar que o professor precisa estar em constante atualização, aprimorando e organizando em seu trabalho sob a ótica da tecnologia educacional. Dessa forma, a pergunta norteadora do estudo é: Qual o papel do professor frente as demandas da educação 3.0?

O presente estudo tem como objetivo compreender a organização do trabalho docente frente às novas demandas da educação 3.0. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, a partir de literatura especializada no campo das tecnologias educacionais, além de artigos científicos disponíveis em bases de dados digitais como Google Acadêmico e Scielo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 EDUCAÇÃO, TECNOLOGIAS E AS NOVAS DEMANDAS DESTE CENÁRIO

A educação apresenta-se como a base para o desenvolvimento integral do indivíduo, ou seja, é alicerce para o desenvolvimento social, emocional, biológico, cultural e intelectual na criança, tornando-se facilitador ou cerceadora dos processos de desenvolvimento e aprendizagem.

Portanto, o aluno deve ser respeitado em todos os seus aspectos, sociais, cognitivos afetivos, para que se desenvolva globalmente e não em segmentos, necessitando de instrumentos que a contemple em todos os aspectos.

Reconhece-se que a educação está em constante transformação, uma vez que entende-se a necessidade da utilização de recursos que se adequem ao perfil do alunado e as mudanças da sociedade, promovendo assim, uma aprendizagem efetiva.

No que tange a aprendizagem, Sabini (2018, p.56) mostra que “é um processo de construção no qual o professor necessita mediar o pensamento do aluno, utilizando de recursos que facilite o encontro do aluno e objeto de estudo”. Dentre os recursos, destacam-se as tecnologias que despertam o conhecimento e permitem a conexão com outros meios de conhecimento.

"A tecnologia, a educação e a comunicação sempre estiveram intimamente ligadas e caminharam juntas no processo histórico da humanidade". (MORAES, 2010,p.19). Utilizou-se a educação como forma de repasse de conhecimento e perpetuação da espécie. Naquela época os ensinamentos não eram sistematizados, a educação era informal e a aprendizagem era passada de geração em geração.

De acordo com Neto (2012), a tecnologia tem chegado na educação brasileira com movimento no qual o autor denomina de ondas. Esses movimentos iniciam nos anos setenta num processo de evolução social, científica e tecnológica. Ainda de acordo com o referido autor, as tecnologias são definidas como:

As Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC correspondem a todas as tecnologias que interferem e medeiam os processos informacionais e comunicativos dos seres. Ainda, podem ser entendidas como um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si, que proporcionam, por meio das funções de hardware, software e telecomunicações, a automação e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica e de ensino e aprendizagem (NETO, 2012, p. 15).

Até a invenção da escrita só existia a linguagem oral. "Na Grécia a escrita alfabética evoluiu como um meio democrático de educação e educação com a fundação da escola pública a palavra escrita se abre a todos os cidadãos". (SABINI, 2018, p.87).

Mais à frente, especialmente no século XV, com a criação da Imprensa, as práticas de leitura e escrita foram cada vez mais intensificadas, surgindo as primeiras produções literárias e científicas.

Com isso, setores como a educação também foram contemplados, uma vez que o livro impresso passou a ser produzido. A partir disso, "a tecnologia e a educação caminharam a passos largos com o desenvolvimento tecnológico e o aperfeiçoamento da fotografia, do cinema e dos recursos de comunicação". (MORAES, 2010, p.49). Outras criações tecnológicas também favoreceram os ambientes educacionais, com a aparição de telefone, rádio, televisão, fax, computadores e mais tarde a internet, gerando avanços a todos os setores da sociedade.

Projetos governamentais equiparam escolas do ensino fundamental e médio com esses aparelhos da mesma forma instituíram um canal de TV, TV Escola, 1996, com programação específica voltada à área. "Esse avanço tem sido consolidado no início deste século pela introdução do computador". (VALENTE, 2010, p.89)

Segundo o referido autor, a possibilidade de diversificação de recursos nas escolas se amplia muito no fim da década de 90, do uso restritivo do livro didático, passou-se a utilizar jornal, rádio, televisão, vídeo, computador, etc.

Atualmente, a tecnologia está presente em diversas áreas da sociedade. A difusão, em larga escala, de computadores em vários segmentos sociais, impõe uma relação, cada vez mais íntima, entre informática e educação. No entanto, o processo de informatização da escola, apresenta novos desafios, como a formação docente para esta nova realidade, as reais contribuições para o ensino-aprendizagem, o intercâmbio dos conteúdos trazidos pelos recursos informatizados e as questões culturais, dentre outras. (MORAES, 2000, p.99)

Sabini (2008), ressalta também as modalidades educacionais que utilizam do sistema de Educação à Distância – EAD para o desenvolvimento de atividades em plataformas, cujo alunos possuem a liberdade de estudar no próprio horário, respeitando as suas demandas e necessidades, contando com o suporte do tutor que deve estar preparado para realizar os materiais, gerar fóruns instigantes, ambientes de discussão, entre outros fatores.

Dessa forma, a tecnologia deve ser vista como uma ferramenta a favor da aprendizagem, desenvolvendo múltiplas competências e habilidades, permitindo que aluno seja cada vez mais ativo no processo educativo. Com isso, como cita Moraes (2010, p. 123) "produto final desse processo é a formação de indivíduos autônomos, que aprendem por si próprios, através da busca, da investigação, da descoberta e da invenção".

Qual será o papel do aluno? Certamente não será mais um mero receptor passivo do conhecimento". Agora cabe a ele o papel de produtor do conhecimento, capaz de perceber o caráter transitório desse conhecimento, pois ele não é eterno e está em constante transformação. Em outras palavras, que perceba que o importante não é mais o conhecimento em si, mas como produzi-lo.

Assim, a tecnologia a ser utilizar como recurso para o aprendizado e desenvolvimento humano, estando sintonizada com o modo de ver a vida e estar no mundo. "Ela é, antes de tudo, arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra, fundindo os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real; os ideais e sua possível e impossível realização" (MORAES, 2010, p. 35).

Muito embora as propostas atuais de educação valorizem os métodos de ensino aprendizagem construtivistas, onde o professor perde a postura centralizadora e aluno torna-se cada vez mais ativo no processo

de ensino aprendizagem, é preciso que ele tenha conhecimento sobre o objetivo de estudo para que atue como mediador. Neste caso, o professor que trabalha com a mediação oferece um ambiente propício para desenvolvimento das capacidades mentais do educando, estimulando-o a ir de encontro com os objetivos traçados na aula (BARATO, 2012).

Conforme mostra Prado (2009) o professor, educador ou tutor, independentemente da terminologia utilizada representa o principal mediador no processo ensino aprendizagem. E para que este processo aconteça de forma efetiva, é preciso capacitar os professores para o uso desta tecnologia. Só assim professores e alunos terão oportunidade de construir novos conhecimentos, integrando teoria e prática educacional.

2.2. A EDUCAÇÃO 3.0

Ao entender que o mundo passa por constante evolução, é comum (e desejável) que os modelos educacionais também sofram alterações. E na era digital, do fluxo de informação rápido e dos indivíduos que tem sede de conhecimento, surge a educação 3.0. Contudo, antes de defini-la, é interessante compreender o porquê das mudanças e o que existiu previamente a sua criação (FAVA, 2010).

Dessa forma, inicia-se fundamentando de maneira breve a educação 1.0, que foi o primeiro modelo existente, restrito aos povos com mais recursos, assumindo o caráter elitista. Nela, os poucos indivíduos que tinham acesso a educação eram ensinados por profissionais habilitados, em grupo ou de forma individual. O professor, por sua vez, era uma autoridade máxima na sala, e já apresentava o seu material e percurso de aprendizagem independentemente das peculiaridades do indivíduo ou turma, representando a educação da maneira mais tradicional possível (KENSKI, 2010).

Contudo, tornar a educação mais acessível foi necessária, especialmente na fase da revolução industrial onde o acesso ao mercado de trabalho foi ampliado e a universalização do ensino considerada, os indivíduos passaram a ter mais acesso a educação, contudo, o professor seguiu no mesmo padrão de ensinar, dessa vez, ensinando cada vez maior, ou seja, dezenas de alunos simultaneamente. Dessa forma, sem considerar as peculiaridades dos alunos, muito embora o número de indivíduos escolarizados tenha crescido, a parcela destes com dificuldades de aprendizagem também se tornou crescente.

Dessa forma, com tantas demandas diferenciadas e a necessidade de considerar o contexto social do público, tecnologias e afins, um novo modelo educacional passou a ser pensado: a educação 3.0. Tal nomenclatura, por sua vez, foi designada por meio de um livro chamado "Educação 3.0 – 7 passos para uma educação melhor" do autor e professor Jen Lengel, que escolheu essa nomenclatura justamente para pontuar a existência dos modelos anteriores e a evolução necessária.

Na educação 3.0 é comum que o professor surja com diferentes nomenclaturas, tais como, tutor, orientador, instrutor, monitor, etc, uma vez que o trabalho acontece de forma mais aberta, de forma a permitir trocas, interações, diálogos, diferentemente de propostas mais tradicionais que sempre colocaram o professor como a figura centralizadora, de autoridade máxima na sala e muitas vezes inacessível.

Uma das principais características da educação 3.0 é que ela pode acontecer em diversos ambientes, sejam eles formais ou não. Dessa forma, é possível aprender não somente dentro do espaço escolar, como também em casa, em visitas guiadas, utilizando computadores, entre outras extensões que permeiam o universo educativo (MOSÉ, 2013).

Ressalta-se, inclusive, que as tecnologias tendem a nortear esse novo modelo e não representam apenas televisões, rádios e afins, e sim redes sociais, páginas educativas, aplicativos especializados, plataformas, entre outros. Além disso, nesse modelo, há uma tendência chamada de "gameficação" que é a utilização de games (jogos) para estimular, ensinar ou ampliar os conteúdos trabalhados. Estes, por sua vez, podem ser digitais, como também convencionais. Também podem ser construídos na própria escola, a partir da utilização de materiais recicláveis, entre outros.

Contudo, devido a tendência digital, é muito comum que as escolas mais modernas tenham aplicativos com jogos específicos às áreas de ciências, matemática, português e afins. Neste caso, não é difícil encontrar alunos que desempenham as atividades com mais maestria do que os próprios professores, uma vez que muitos já nasceram na era digital, enquanto outros docentes construíram esse conhecimento de forma "tardia".

Com todos esses estímulos, o aluno sai do papel de passivo e se torna ativo em seu processo de aprendizado, pois está a frente, sempre em busca do conhecimento, seja por meio de observações, reflexões, criações, ou seja, há uma investigação frente ao conteúdo tornando o processo investigativo e construtivista (MOSÉ, 2013).

No processo construtivista, no qual o aluno se torna protagonista de sua própria aprendizagem, é preciso que o professor (especialmente da educação regular devido

a faixa etária do público) tenha ciência de que estimular o protagonismo não é deixar o aluno fazer o que bem entende em sala de aula, e por isso, deve-se também explorar o âmbito da formação do professor da educação 3.0 em nível de postura, de autoridade (que difere de autoritarismo) para que consiga conduzir o seu trabalho sem perder o foco, diminuindo a possibilidade de desorganização.

Os materiais já prontos, tais como apostilas, nem sempre fazem mais sentido. Isso ocorre porque o fluxo de aprendizagem se torna mais dinâmico e o professor tende a trabalhar com diversos tipos de planejamentos por meio de recursos multimídias, por meio de módulos, etapas e outros mecanismos que tornem o ato processual, visando a diminuição do risco de o material ficar obsoleto e o aluno não ter o melhor aproveitamento pelo desinteresse (FAVA, 2010).

Além disso, não há limitação do material, porque por meio da internet, uma simples pesquisa sobre determinado assunto que foi tratado em aula, pode dar leque para muitas outras possibilidades e conhecimentos, fazendo com que o aluno construa e absorva a partir da sua própria investigação e disponibilidade.

Com essa "personalização" do ensino, os alunos tendem a terem mais empenho na exploração dos conteúdos, ampliando as suas capacidades mentais e principalmente as particulares, ou seja, possuem mais oportunidade para se dedicarem a áreas de interesse, de acordo com as suas aptidões e mecanismos, ao mesmo tempo em que possuem acesso aos conteúdos básicos de uma forma mais interessante e dinâmica.

Neste novo cenário de aprendizagem, defende-se também a necessidade de trabalhar inserindo o contexto social do aluno, para que este se sinta contemplado e veja sentido no conteúdo que está sendo estudado, assim, amplia a sua motivação e também a capacidade de compreensão e conexão com o que está sendo trabalhado (KENSKI, 2010).

Percebe-se, assim, que este novo modelo educacional exige infraestrutura, seja da escola, instituição educacional ou plataforma e, mais do que isso, preparo docente para conduzir de maneira adequada, uma vez que o professor apresenta-se de forma mediadora e constantemente auxilia o seu aluno para as infinitas possibilidades de aprendizagem, ou seja, se o conteúdo explorado será lido por meio de material impresso, lousa digital, música, vídeo, pesquisa na internet, entre outros, para que assimile a maneira em que lhe for mais conveniente (FAVA, 2010).

Com isso, devem ser oferecidas mais possibilidades para que o aluno se ajuste ao que for mais adequado ao seu perfil de aprendizagem, contudo, essa liberdade limita-se aos conteúdos e grade exigida pelo Ministério da Educação, que tem os documentos norteadores sobre o que deve ser trabalhado em cada fase.

2.3. A FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO 3.0

Nessa perspectiva, Bueno (2019, p.23), considera como professor especializado aquele constituído em "agente de qualificação de ensino", na qual tem que possuir competência tais como: enxergar, analisar e criticar o processo pedagógico.

É importante ressaltar que, além da educação inicial, é fundamental conforme recomendam a Resolução Conselho Nacional de Educação (CNE) Câmara de Educação Básica (CEB) e o Plano Nacional de Educação (PNE) (2001), que os docentes tenham oportunidade de cursarem a educação continuada, pois o conhecimento sempre se renova, assim como as determinações normativas e as condições objetivas de trabalho com os sujeitos especiais. (BUENO, 2019, p.78).

No espaço escolar, seja presencial ou ambiente online, todos são educadores, portanto precisam compartilhar os mesmos objetivos e terem as mesmas condutas coerentes com a filosofia de trabalho. Como ensinou Freire (2000, p.90), "o professor que participa da caminhada do saber com seus alunos, consegue entender melhor as dificuldades e as possibilidades de cada um [...]".

A qualidade de ensino está diretamente ligada a capacidade de abertura, pesquisa e extensão do professor, bem como o respaldo, boa vontade, ao interesse e ao prazer no seu fazer. Buscar a melhor forma de trabalhar é analisar, reestruturando valores e posturas condizentes na concepção de formar um cidadão crítico e autônomo. Para Valente (2010, p.12):

> A capacitação dos professores no Brasil, vem acontecendo a partir de pesquisa de universidades, com a preocupação de buscar entender qual a melhor forma de utilizar os recursos pedagógicos e que tipos de mudanças podem ocorrer nas escolas, principalmente no processo de desenvolvimento.

A ideia de capacitar professores é recente, nasceu juntamente com o novo conceito de desenvolvimento da pessoa numa concepção sócio histórico que nos leva a entender que o papel do professor na educação escolar na formação do indivíduo, é de mediador entre o seu cotidiano e sua prática social.

Assim sendo, o professor precisa,

prioritariamente, conscientizar-se da necessidade de uma formação adequada, que implica em realizar pesquisas, estudos, disponibilizar-se a novos conhecimentos e, acima de tudo, despojar-se da velha concepção de homogeneidade de alunos em sala de aula.

"A formação do professor deverá contemplar uma capacitação, rompendo com práticas reprodutivas e tecnicistas para uma formação fundada nos aspectos sócio histórico cultural e que respeite a diversidade de cada aprendiz". (VALENTE, 2010, p.88)

A prática educacional vem sendo eixo de grandes debates, já que cada vez mais se exige dos professores, maior grau de comprometimento fazendo com que estes assumam uma gama intensa de responsabilidades que muitas vezes não estão preparados para abarcar.

O conhecimento científico não é mais a única exigência, mas se requer que tais profissionais sejam mediadores da aprendizagem, pesquisadores, para que além do ensino, instiguem a educação da emoção, o olhar amplo ao desenvolvimento humano e tecnologias, a consciência planetária e os princípios políticos de direitos e deveres da cidadania.

Desta maneira, o perfil do professor da educação 3.0 é redimensionado a um fazer mais dinâmico interligado aos aprenderes do conhecimento. Mas é necessário que o professor não se negue a buscar constantemente lucidar suas práxis pedagógicas, pois segundo Morin (2012, p. 14).

Então, o professor passa a ser um sujeito orientador e planejador da aprendizagem, um ser criativo e consciente de seus limites como pessoa e como profissional que precisa estar em constante formação. Entretanto, o profissional que não levar a sério sua formação profissional não é digno dela e não contribui significativamente para auto educar-se no processo de compartilhar e reconstruir conhecimentos em parceria.

Segundo Freire (2000, p. 124): "A raiz mais profunda da politicidade, da educação se acha na educabilidade mesma do ser humano, que se funda na sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente".

Face ao exposto, evidencia-se que ensinar não é transferir conhecimentos a outrem, assim como aprender não é repetir mecanicamente o conteúdo transferido sob a soberania do professor.

Ensinar e aprender têm que vir com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar (FREIRE, 2000, p. 134).

O professor deve se manter em contato permanente com o desejo de mudança, valorizando as potencialidades dos educandos, investindo no processo de apropriação de habilidades e competências na busca constante de sua formação, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar qualitativo na medida em que vai se redimensionando o agir dentro do processo de ensino-aprendizagem com base nas expectativas reais dos sujeitos envolvidos.

Os cursos de formação de professores na educação precisam levar em conta o que os formandos vão encontrar quando deparar-se com a realidade escolar, pois, sabe-se que, muitas vezes, a teoria é desconectada da prática, então é frequente os comentários dos profissionais da educação que não estão preparados para resolver determinadas situações que o dia-a-dia lhes submete (FAVA, 2010).

Um dos grandes desafios da educação 3.0, por exemplo, é que muitos profissionais buscam as formações continuadas sem ao menos terem alguns dos requisitos básicos para exercerem os seus papéis, por exemplo, buscam especialização no campo das tutorias online, mas estão desconectados da realidade da educação, ou dominam pouco os recursos de informática em um nível em que a especialização não vai ser capaz de suprir, pois exige requisitos básicos para tal (KENSKI, 2010).

Além disso, muitos professores estão abaixo do nível de conhecimento dos seus alunos no que diz respeito das tecnologias da informação, o que gera no profissional a sensação de estar "correndo contra o tempo" para a obtenção das habilidades e qualificações necessárias.

Tem-se como agravante o sistema educacional brasileiro como um todo, que muitas vezes não oferece respaldo tampouco recursos para que este profissional possa se especializar, custear cursos, ter tempo hábil para novas formações, entre outros, o que também representa um impasse na formação adequada para as novas demandas. Além disso, até mesmo com as diversas nomenclaturas existentes para designar o trabalho do professor da educação 3.0 (tutor, orientador, monitor, etc) pode fazer com que algumas legislações sobre carga horária, férias, remunerações, entre outras, não sejam respeitadas fazendo com que o profissional desempenhe o mesmo papel, mas não tenha os mesmos direitos e respaldos (MOSÉ, 2013).

Os profissionais da educação muitas vezes deparam-se com situações com as quais não sabem como proceder, e que não foram, em sua formação, preparados para enfrentá-las e nem mesmo, para refletir sobre as mesmas.

Para tanto, os professores, diante de sua profissão, precisam estar em constante reflexão, sobretudo no que norteia o ensino-aprendizagem, ou seja, a educação como um todo.

"Uma prática reflexiva não é apenas uma competência a serviço dos interesses do professor, é uma expressão da consciência profissional" (PERRENOUD, 2012, p.50).

Pode-se perceber, então, que a reflexão só se torna eficaz se for ligada à ação, pois de nada adianta refletir sobre um problema, sobre uma prática ou qualquer outra situação, e não agir para resolvê-la ou para aprender com a mesma.

"Não é possível formar profissionais reflexivos sem inserir essa intenção no plano de formação e sem mobilizar formadores com as competências adequadas" (PERRENOUD, 2012, p.169). Isto faz com que se reflita acerca da formação dos professores, a qual, além de levar os sujeitos à reflexão, precisa levá-los ao encontro de sua identidade como profissionais.

A formação continuada deve ser uma constante na carreira de um professor, pois, certamente ela abre um leque de novas oportunidades para o profissional que deseja mudar sua prática.

Desde seu surgimento, a formação dos professores refere-se às práticas profissionais, mas faz pouco tempo que ela parte regularmente das práticas em vigor, para fazê-las mudarem a um desafio reflexivo (PERRENOUD, 2012, p.159).

Tem-se como um princípio de fundamental importância, o diálogo, pois, através do mesmo é possível uma relação confiável e de respeito entre professor e aluno.

Um profissional comprometido, que possui princípios éticos frente à educação, terá a possibilidade de procurar lutar pela mudança, mas é preciso acreditar, ou seja, um profissional que reflete sobre sua prática e sobre a situação da educação propriamente dita, terá a oportunidade de procurar a mudança, pois, é por meio da reflexão crítica sobre a realidade, que se podem enxergar quais as medidas que precisam ser tomadas para que a situação venha a mudar (MOSÉ, 2013).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre o papel do docente frente a educação 3.0, pode-se perceber que aprender é um processo construtivo no qual a relação entre professor/ aluno envolve interesses e intenções estabelecidas, organizadas e sistematizadas com a finalidade de facilitar o aprendizado do mesmo, acompanhando-o em suas ações no desenvolver das atividades, evidenciando suas potencialidades e não suas limitações, ter em mente que deverá reconhecer o conhecimento prévio de cada indivíduo e não se colocar na posição de detentor do saber e sim facilitador de aprendizagem, aberto para as novas descobertas, procurando manter uma relação estabelecida no conhecimento do sujeito no exercício da função professor propor agir como intermediários para colaborar adequadamente para aprendizagem da criança.

Neste contexto, verifica-se também a utilização dos recursos digitais como facilitares de aprendizagem ou até mesmo de ambiente em substituição às salas convencionais. Neste caso, pontua-se a necessidade de explorar a formação do professorado para atender essa demanda, como também de direcionar adequadamente o aluno, sem deixar que esteja envolvido excessivamente com as tecnologias e se esqueça de desenvolver habilidades e atividades que há décadas atrás eram naturais e recorrentes, tais como o contato com a natureza, a construção de objetos recicláveis, a imaginação e até mesmo o ócio.

Pontua-se que a educação 3.0 dialoga com a era tecnológica e representa muito sentido na evolução do 'ensinar e aprender', pois a escola não pode se tornar obsoleta em detrimento dos recursos mais dinâmicos que foram surgindo, contudo, é preciso também lembrar que essa geração é a primeira totalmente exposta as mais diversas tecnologias e recursos, e por isso, ainda não há conhecimento total dos possíveis danos e males, por isso, deve existir um equilíbrio e um resgate constante da era anterior, fazendo com que o aluno absorva o que existe de importante e viável das eras mais "tradicionais" e também da nova, a contemporânea.

Por fim, a partir da contribuição dos teóricos e das reflexões propiciadas pelo estudo, tem-se como sugestão proporcionar uma formação crítica ao professor, estabelecer inúmeras leituras acerca do tema e, principalmente, apresentar discussões que oportunize libertação e enriquecimento de ideias em busca da realização de seus objetivos.

REFERÊNCIAS

BARATO, J. Escritos sobre tecnologia educacional. São Paulo, SENAC, 2012.

BUENO, O. J. S. A pedagogia da ternura. Criciúma: Imprint Gráfica,2019.

FAVA, R. Educação 3.0. São Paulo: Saraiva, 2014.

FREIRE, P. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 7. ed.

Campinas, SP: Papirus, 2010.

MORIN, J.M. Ensino e Aprendizagem Inovadoras com Tecnologia. Universidade de São Paulo, 2012.

MORAES, J. M. Mudar a Forma de Ensinar e Aprender com tecnologias Professor de Novas Tecnologias na Pós Graduação, Eca VSP, Universidade Mackenzie.2010.

MOSÉ, Viviane. A escola e os desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NETO, A. C. Educação 3.0 e novas tecnologias. 1.ed. São Paulo, Ática, 2012.

PERRENOUD, S. Meu Coração Pergunta l, O significado das virtudes. 2a ed, Petrópolis. Revista do professor, ed.21, 2012.

PRADO, C. O Computador na Classe, editora Presença, 1986- tradução Nogueira Lisboa,2009.

SABINI, M.A.. Psicologia do desenvolvimento. São Paulo: Ática, 1998.SANTOS, E. M.Metodologia . Rio de Janeiro: 2018.

VALENTE, J.A. Texto Sobre as TICs na Educação. Campinas, SP; gráfica UNICAMP/ NIED,2010.